

Walter Benjamin e o sentido da experiência: a literatura de cordel na valorização da cultura camponesa

Walter Benjamin and the Meaning of Experience: Cordel Literature in the Valorization of Peasant Culture

José Luís de Barros GUIMARÃES

Doutor em Filosofia. Professor Adjunto da
Universidade Federal do Piauí.

Email: zeluis@ufpi.edu.br

ORCID: 0009-0009-6358-4393

Jaysa Nerys Fernandes BARBOSA

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo
(LedoC), na área de Ciências Humanas e Sociais, pela
Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: jnerys@gmail.com

RESUMO:

O artigo problematiza a crise da experiência e o declínio da narrativa na modernidade capitalista, tomando como eixo teórico a crítica filosófica ao progresso e à racionalidade instrumental. Partindo do diagnóstico segundo o qual o modo de produção capitalista produz o esvaziamento das experiências transmissíveis e a desagregação do sentido comunitário do nosso modo de vida, analisa-se a desvalorização histórica da figura do narrador e seus efeitos sobre as práticas culturais camponesas. O objetivo consiste em investigar em que medida a Literatura de Cordel, enquanto forma de arte popular, pode ser compreendida filosoficamente como um bem cultural capaz de preservar a tradição oral e reativar memórias coletivas silenciadas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica fundamentada no pensamento benjaminiano, mobilizando as categorias de experiência (*Erfahrung*), vivência (*Erlebnis*), narrativa e memória. Sustenta-se que a Literatura de Cordel possui um potencial crítico ao operar a contrapelo da ideia linear de progresso, conservando histórias de luta e resistência camponesa e tensionando os processos de empobrecimento da experiência na sociedade capitalista contemporânea.

PALAVRAS CHAVES: Walter Benjamin; Literatura de Cordel; Experiência; Vivência; Narrativa; Memória.

ABSTRACT:

This article problematizes the crisis of experience and the decline of narrative in capitalist modernity, taking as its theoretical axis the philosophical critique of progress and instrumental rationality. Starting from the diagnosis that the capitalist mode of production generates the emptying of transmissible

experiences and the disintegration of the communal sense of social life, the study analyzes the historical devaluation of the figure of the narrator and its effects on peasant cultural practices. The objective is to investigate to what extent *Cordel Literature*, as a form of popular art, can be philosophically understood as a cultural asset capable of preserving oral tradition and reactivating silenced collective memories. Methodologically, this is a bibliographical study grounded in the thought of Walter Benjamin, mobilizing the categories of experience (*Erfahrung*), lived experience (*Erlebnis*), narrative, and memory. The article argues that *Cordel Literature* holds critical potential insofar as it operates against the linear idea of progress, preserving histories of peasant struggle and resistance and challenging the processes of impoverishment of experience in contemporary capitalist society.

KEYWORDS: Walter Benjamin; Cordel Literature; Experience; Lived Experience; Narrative; Memory.

1. INTRODUÇÃO

Nos contextos camponeses marcados pela centralidade da cultura oral, as experiências narrativas ocuparam, historicamente, um lugar formativo fundamental. As memórias de infância, frequentemente associadas às histórias contadas por pessoas mais velhas em encontros comunitários, constituem um campo privilegiado para compreender a potência da narrativa como forma de transmissão da experiência. Nessas situações, as histórias não apenas informavam, mas criavam imagens, despertavam sentidos e produziam um tipo de conhecimento profundamente enraizado na vida cotidiana, capaz de mobilizar afetos, imaginação e pertencimento cultural.

As narrativas transmitidas por essas figuras tradicionais do contar — avós, mães, mestres da oralidade — distinguiram-se radicalmente das informações veiculadas por livros, meios digitais ou redes sociais. Tratava-se de histórias atravessadas pela experiência vivida, elaboradas em um contexto no qual a cultura oral era socialmente valorizada e reconhecida como forma legítima de saber. Essa formação narrativa contribuía para a construção de uma consciência acerca do que é social e existencialmente significativo, ancorada na memória, na escuta e no compartilhamento coletivo.

No interior da cultura camponesa, tais histórias constituem parte essencial da identidade social. As narrativas orais, sejam elas verídicas ou ficcionais, sempre desempenharam a função de articular passado, presente e futuro, permitindo que as novas gerações se reconhecessem nas experiências de seus antepassados. A transmissão desses saberes, frequentemente mediada por práticas educativas formais e informais, expressava o compromisso de preservar crenças, tradições e valores culturais como elementos estruturantes da identidade coletiva.

Nesse sentido, a atuação de educadores comprometidos com a valorização da cultura popular desempenhou papel decisivo na manutenção dessas práticas. Atividades escolares voltadas à cultura nordestina, à literatura oral, às danças, aos cordéis e às manifestações folclóricas configuraram, durante muito tempo, espaços de resistência cultural e de fortalecimento da memória coletiva. Contudo, o

progressivo afastamento dessas figuras centrais — seja pela aposentadoria, seja pelas transformações institucionais — resultou no enfraquecimento gradual dessas práticas, tanto no espaço escolar quanto no âmbito comunitário.

O que antes se apresentava como uma experiência compartilhada por comunidades inteiras passou a restringir-se a pequenos círculos familiares. Narradoras, cordelistas e folcloristas, outrora reconhecidas como mediadoras da memória coletiva, veem-se progressivamente privadas de condições sociais para exercer o ato de narrar. Esse fenômeno não se limita a contextos locais ou regionais, mas expressa uma tendência mais ampla de erosão das práticas culturais baseadas na oralidade nas sociedades contemporâneas.

Tal processo está diretamente relacionado às transformações impostas pelo modo de vida da sociedade moderna capitalista. Com o avanço da racionalidade produtivista e da valorização exclusiva de formas de conhecimento técnico-científicas, as narrativas orais foram perdendo força simbólica e estatuto epistemológico. As rodas de conversa ao final da tarde, os contos partilhados em espaços comunitários e as experiências narrativas vinculadas ao cotidiano foram sendo deslocadas por formas aceleradas, fragmentadas e instrumentais de comunicação.

Embora o progresso técnico seja um elemento incontornável da modernidade, sustenta-se neste trabalho a necessidade de repensar os modos de vida contemporâneos sem desconsiderar as formas tradicionais e populares de produção cultural. A narrativa, enquanto forma de apreensão e compreensão do mundo, constitui uma dimensão essencial da experiência humana que não pode ser reduzida ou descartada em nome de uma concepção linear e progressista da história. Com o advento da ciência moderna, muitos saberes baseados na experiência e na memória coletiva perderam legitimidade, contribuindo para o empobrecimento das experiências transmissíveis no tempo presente.

É nesse contexto que emerge a problemática central deste artigo: a chamada “pobreza das experiências transmissíveis” e a consequente perda de vínculo entre os indivíduos e suas tradições culturais. Fundamentada no arcabouço filosófico de Walter Benjamin, a investigação toma como categorias conceituais centrais as noções de experiência, vivência, narrativa e memória, articulando-as à análise de um bem cultural camponês da cultura nordestina: a Literatura de Cordel. Parte-se da hipótese de que essa produção estética popular pode contribuir para o resgate e a valorização da cultura oral, operando a contrapelo do progresso capitalista moderno.

Diante do esvaziamento progressivo das experiências humanas e do distanciamento em relação à tradição cultural, coloca-se o seguinte questionamento: de que modo as narrativas orais da cultura camponesa podem ser fortalecidas na contemporaneidade? A Literatura de Cordel pode ser compreendida como uma produção cultural capaz de preservar saberes ancestrais e experiências coletivas

centradas na oralidade? Tais questões orientam o percurso estético-filosófico desenvolvido ao longo deste trabalho.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem hermenêutica, inspirada na proposta gadameriana, com ênfase na análise crítico-reflexiva. Conforme assinala Oliveira (2014, p. 21), a hermenêutica não se limita ao resgate do passado, mas atualiza os modos de apreensão da verdade no presente. Trata-se, portanto, de uma pesquisa eminentemente teórica, desenvolvida a partir de leitura e interpretação de textos filosóficos e estudos sobre a Literatura de Cordel, no âmbito de uma investigação bibliográfica. Os textos *Experiência e pobreza*, *O narrador* e *Sobre o conceito de história* constituem o núcleo teórico da reflexão benjaminiana mobilizada neste artigo. Neles, o filósofo analisa o empobrecimento da experiência, a crise do ato de narrar e a crítica à concepção burguesa e progressista da história, apontando para a necessidade de pensar a memória e a narrativa a partir da perspectiva dos “vencidos da história”. Esses ensaios oferecem as bases conceituais para a interpretação da Literatura de Cordel como documento memorial e expressão estética de experiências camponesas silenciadas pela historiografia oficial.

Com vistas a sistematizar a exposição, o artigo organiza-se em dois momentos. No primeiro, apresenta-se a crítica benjaminiana à sociedade moderna capitalista, tendo como eixos analíticos os conceitos de experiência e vivência, bem como a teoria da narrativa e a centralidade da memória. No segundo momento, discute-se a Literatura de Cordel enquanto produção cultural popular vinculada à cultura camponesa, analisando-se seu potencial como forma de resistência e como registro memorial das experiências de luta e sobrevivência no campo.

Como exercício final da reflexão, realiza-se uma análise ensaística do cordel *A maldição dos agrotóxicos ou o que faz o agronegócio*, de Rogaciano Oliveira e Gigi Castro, buscando evidenciar como essa produção estética expressa narrativas de resistência camponesa frente às tentativas contemporâneas de deslegitimação da cultura popular. Por fim, apresentam-se considerações finais que não pretendem encerrar o debate, mas abrir caminhos para a valorização dos saberes e tradições da cultura oral camponesa, que ainda persiste e resiste aos imperativos do progresso capitalista moderno.

2. OS PERIGOS DO PROGRESSO PARA CULTURA ORAL: A CRÍTICA BENJAMINIANA A SOCIEDADE MODERNA CAPITALISTA

A arte de “intercambiar experiências”, para utilizar uma expressão recorrente no vocabulário de Walter Benjamin, isto é, a capacidade de compartilhar a vida de modo comunitário, encontra-se progressivamente distanciada do modelo de existência predominante na sociedade moderna capitalista. Tal afastamento não se restringe aos grandes centros urbanos, mas alcança também os contextos rurais,

historicamente marcados por práticas coletivas de sociabilidade e transmissão da experiência. A intensificação das rotinas de trabalho, o esgotamento físico e o crescente adoecimento psíquico têm contribuído para o enfraquecimento dos vínculos sociais e, conseqüentemente, para a corrosão do sentido comunitário de viver em sociedade.

Nesse contexto, torna-se fundamental compreender as razões pelas quais as vivências individuais tendem a se sobrepor às experiências coletivas no interior do paradigma social capitalista. A centralidade conferida à produtividade, à eficiência e ao desempenho individual produz um modo de vida que fragmenta o tempo, acelera a experiência e dificulta a sua transmissão. Como resultado, práticas culturais sustentadas pela oralidade — que dependem da escuta, da presença e da continuidade temporal — passam a ser desvalorizadas ou marginalizadas.

Esse processo afeta diretamente tradições culturais que persistem por meio da cultura oral, constituídas por narrativas, contos, provérbios e histórias transmitidas entre gerações. Tais práticas, comuns em contextos camponeses, sempre desempenharam um papel central na formação cultural, ao articular memória, experiência e pertencimento coletivo. No entanto, sob a lógica do progresso capitalista, essas formas tradicionais de narrar e compartilhar a experiência passam a ser vistas como resquícios de um passado supostamente superado, perdendo legitimidade frente às formas modernas de informação e comunicação.

A crítica benjaminiana permite compreender que essa substituição da experiência compartilhada por vivências isoladas não representa um simples avanço civilizatório, mas antes um empobrecimento da experiência humana. Ao dissolver os espaços de encontro e de narrativa, a sociedade moderna capitalista compromete as condições materiais e simbólicas que tornam possível a transmissão da experiência, colocando em risco a continuidade da cultura oral e das formas coletivas de compreensão do mundo.

2.1 EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA NO PENSAMENTO BENJAMINIANO

No ensaio *O narrador: considerações sobre Nicolai Leskov* (1994), o filósofo alemão Walter Benjamin diagnosticou o declínio da arte de narrar como efeito da substituição da experiência compartilhável (*Erfahrung*) por vivências imediatas e fragmentárias (*Erlebnis*). Para o autor, a narrativa emerge de experiências acumuladas e transmissíveis, enraizadas na memória e na vida comunitária. Quando tais experiências cedem lugar a vivências isoladas, a capacidade de comunicar sentidos duradouros e de transmitir saberes se enfraquece. Essa transformação compromete não apenas a narrativa enquanto forma estética, mas também sua função social e formativa. A hegemonia da vivência, característica da modernidade capitalista, intensifica a fragmentação da memória coletiva e aprofunda a desconexão entre os indivíduos e suas tradições culturais. Nesse sentido, a oposição entre *Erfahrung* e *Erlebnis* constitui uma

chave analítica fundamental para compreender o empobrecimento da experiência e o declínio das práticas narrativas na sociedade moderna.

A arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente [...] é como se estivéssemos privados que nos parecia segura e infalível: a faculdade de intercambiar experiências [...] porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheira, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra material e a experiência ética pelos governantes. (Benjamin, 1987, p. 197- 198).

A narrativa oral é o que contribui para nos manter mais próximos de nossa cultura e tradição, da família e dos amigos. É por essa razão que Franco assevera que, em *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolau Leskov*, Walter Benjamin demonstra como a capacidade de termos experiências e, conseqüentemente, de narrá-las, encontra-se em franco declínio (Franco, 2015, p. 71).

Na perspectiva benjaminiana, o processo histórico, social e cultural constitui a base material da formação do pensamento sobre o mundo, da percepção da realidade que nos cerca, bem como do fortalecimento da identidade do ponto de vista cultural. Entretanto, a relação intersubjetiva com a cultura tem perdido cada vez mais força, na medida em que os indivíduos passam a ser guiados pelos valores burgueses da sociedade moderna capitalista — centrados no lucro e na preservação do indivíduo —, uma vez que “a sociedade burguesa capitalista moderna nos reduziu a todos a uma situação de pobreza cultural extrema” (Rebuá, 2017, p. 25). Não é à toa que Michael Löwy (2019, p. 24), em diálogo com as reflexões benjaminianas, assinalou que “o capitalismo é a ruína do ser, ele substitui o ser pelo ter, as qualidades pelas quantidades mercantis, substitui as relações humanas pelas monetárias, os valores morais ou culturais pelo único valor que vale, o dinheiro”.

Observa-se, assim, um rompimento gradual dos laços com a tradição cultural que forjou os processos de formação social. A memória das experiências coletivas vem sendo constantemente enfraquecida, esquecida e silenciada. Se, nas sociedades pré-capitalistas, a cultura oral era fundamental para o processo de transmissão dos valores culturais de uma determinada comunidade, hoje, com o advento da sociedade industrial capitalista, a arte de contar histórias tem se tornado cada vez mais escassa e obsoleta, em razão do declínio das experiências comunicáveis e transmissíveis.

O modo de vida característico da sociedade moderna produz uma desvalorização material e simbólica da tradição cultural centrada na narrativa, na medida em que subordina as formas de conhecimento à lógica da utilidade, da eficiência e da mensuração. Nesse contexto, os saberes transmitidos oralmente, fundados na experiência compartilhada, na memória e na continuidade histórica, passam a ser considerados insuficientes ou irrelevantes diante dos critérios de validação do saber científico-técnico. A narrativa, que outrora desempenhava papel central na formação cultural e na

orientação prática da vida, é progressivamente deslocada para uma posição marginal no interior da racionalidade moderna.

Como consequência, a riqueza dos saberes e práticas culturais transmitidas por meio das histórias perde seu estatuto epistemológico, uma vez que esse saber ancestral deixa de ser reconhecido e legitimado como forma válida de conhecimento. Trata-se de um processo que não apenas empobrece o horizonte cultural das sociedades modernas, mas também rompe os vínculos entre experiência, memória e tradição, comprometendo a transmissão intergeracional dos sentidos compartilhados da vida social. Pode-se confirmar essa linha de raciocínio na citação a seguir:

O declínio da experiência decorre, em termos gerais, da perda do sentido de uma espécie de sabedoria ancestral, antiga. Esse é, certamente, um dos fatores que Benjamin aponta como responsável pelo processo de degradação da experiência, em outras palavras, a crescente desvalorização da tradição – leia-se a despersonalização da cultura e o afundamento de valores éticos e morais –, a dessubstancialização do tempo e da história – por força dos novos meios de produção capitalista e de comunicação –, como também o surgimento de gêneros narrativos de antemão conservadores, entre eles, o romance burguês e a informação jornalística. Tais condições socioculturais consistem para Benjamin no golpe da vida moderna sobre a tradição, vida em que reina o interesse pelo próximo, pelo mais fácil e pelo imediato (Pereira, 2006, p. 64).

Os ancestrais — avós e bisavós — possuíam uma narrativa cultural própria e profundamente rica; os causos ali contados despertavam reflexões sobre o sentido da vida, de modo que, outrora, tais narradores eram reconhecidos como portadores de uma sabedoria singular. Com o advento da modernização capitalista, das inovações tecnológicas e da constante precarização da rotina de trabalho, observa-se, contudo, o enfraquecimento das narrativas dos povos. Trata-se de histórias que não figuram nas principais fontes da historiografia oficial, mas que permaneciam vivas por serem transmitidas de geração em geração por meio da oralidade. A figura do ancião, por exemplo, foi gradualmente perdendo sua autoridade epistêmica enquanto portador de uma sabedoria ancestral, em razão da ruptura constante provocada pelo avanço do conhecimento tecnológico moderno.

Por esse motivo, a figura do narrador vem sofrendo um retrocesso histórico, cultural e social, decorrente de um dilema central da sociedade moderna: a preponderância da vivência individual sobre as experiências coletivas. Não é por acaso que Walter Benjamin assinalou que “é uma questão de honra confessar hoje nossa pobreza. Temos de admiti-lo: esta pobreza de experiência não se manifesta apenas no plano privado, mas no de toda a humanidade. Transforma-se assim numa espécie de nova barbárie” (Benjamin, 2013, p. 86).

É relevante sublinhar a sutileza do conceito de barbárie apresentado por Benjamin em suas reflexões sobre o esvaziamento da experiência e a perda gradual da capacidade de narrar, desenvolvidas nos textos *Experiência e pobreza* e *O narrador*. A barbárie não se manifesta apenas nas ações de terror dos

regimes totalitários do ponto de vista político, como a perseguição aos inimigos — vale lembrar que Benjamin, judeu, vivenciou o período das guerras e foi perseguido pelo fascismo alemão —, mas também na imposição de um modelo de vida que apaga e silencia outras formas de história organizadas fora dos parâmetros do “mito burguês” do progresso econômico e social.

É digno de nota que o reconhecimento benjaminiano do atrofamento da capacidade de intercambiar experiências está diretamente vinculado à sua crítica à ideia de progresso. Conforme o próprio autor assinalou: “a ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia de progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha” (Benjamin, 1993, p. 229).

Toda e qualquer forma de organização social que escape a essa lógica do progresso industrial, presente sobretudo nos grandes centros urbanos, tende a ser considerada “selvagem” ou “bárbara”, uma vez que os indivíduos passam a ser avaliados exclusivamente a partir do prisma do progresso da sociedade moderna. Nesse sentido, a barbárie pode ser compreendida também como esquecimento da tradição, como destaca Silva ao afirmar que, segundo Benjamin, basta observar o ritmo acelerado de vida imposto pelo capitalismo moderno e a velocidade do processo produtivo do trabalho industrial para se constatar a miséria humana e a perda do patrimônio cultural da tradição (Silva, 2014, p. 119).

Quando se trata das comunidades camponesas, a ideia de progresso revela-se particularmente desafiadora, pois nem sempre se apresenta como benéfica aos camponeses. O capitalismo tende a investir apenas naquilo que gera retorno imediato e, com isso, o campo e seus trabalhadores sofrem as consequências. As preocupações com as estratégias capitalistas, seus impactos sobre o emprego, a renda, a produtividade da terra e a subsistência camponesa figuram entre os principais fatores que impulsionam a migração para as cidades ou a permanência no campo sob constantes condições de resistência e sobrevivência. As provações da mudança, a dor da alienação, o trauma da separação e da emigração, bem como o desejo de aceitação e de integração à sociedade dominante, enfraquecem rapidamente a preservação das tradições, da cultura e da oralidade.

O ato de narrar e, por conseguinte, a faculdade de intercambiar experiências, tem se tornado cada vez mais raro nas sociedades contemporâneas, em razão dos pressupostos do *modus operandi* da classe trabalhadora. A humanidade tornou-se tão modelada e roteirizada que os indivíduos já não conseguem narrar suas próprias histórias, à semelhança dos soldados da Segunda Guerra Mundial que retornavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, mas mais pobres em experiência comunicável, conforme observa Benjamin (1987, p. 198).

Nesse contexto da sociedade capitalista moderna, centrada na reprodução mecânica e extenuante do trabalho, os indivíduos, assim como os soldados em guerra, perdem a capacidade de contar boas

histórias. Isso ocorre porque o ato de narrar exige tempo e a presença de ouvintes reunidos, condições que o ritmo acelerado do trabalho contemporâneo já não permite. Diferentemente do trabalho artesanal realizado com calma e, geralmente, em grupo, o trabalho atual caracteriza-se pela pressa e pelo isolamento (Silva, 2008, p. 01).

A partir dessa linha de raciocínio, torna-se possível compreender com maior clareza a distinção conceitual benjaminiana entre Experiência (*Erfahrung*) e Vivência (*Erlebnis*). Ao contrário de uma experiência autêntica e plena, fundada na tradição, na narração e na comunidade, a vivência centra-se no indivíduo, na consciência e na percepção isolada (Mateus, 2014, p. 05). Benjamin concebeu a experiência como um conhecimento tradicional transmitido de geração em geração, que passou a definhar com a modernidade (Lima; Baptista, 2013, p. 451).

As experiências só adquirem sentido na medida em que são relatadas, recordadas e continuadas por meio das histórias transmitidas oralmente. Por isso, a faculdade de intercambiar experiências — isto é, de contar boas histórias capazes de transmitir os saberes de uma tradição — foi sendo historicamente atrofiada, à medida que os indivíduos perderam a própria possibilidade de ter experiências (Guimarães, 2019, p. 125). Na modernidade, afirma Freitas (2014, p. 74), não há experiência a ser compartilhada, mas apenas vivências que mantêm a consciência em constante estado de alerta diante dos choques cotidianos. A vivência consolida-se no interior da sociedade capitalista moderna, onde a maioria dos indivíduos já não dispõe de condições para experienciar o mundo de forma plena.

Enquanto a *Erlebnis* corresponde à vivência do indivíduo solitário e isolado, a *Erfahrung* brota de um modo artesanal e comunitário de se relacionar com a vida (Guimarães, 2019, p. 113). Assim, a experiência realça a interdependência humana enquanto condição própria do animal social (Mateus, 2014, p. 02), ao passo que a vivência expressa o isolamento característico da modernidade, dominada por sucessivos choques estéticos, políticos e culturais (Ibidem).

Nas sociedades pré-capitalistas, o ato de narrar sempre desempenhou papel fundamental na transmissão e atualização da cultura para as gerações futuras. Na sociedade capitalista contemporânea, entretanto, refletir criticamente sobre o enfraquecimento da cultura das classes populares — em especial da classe camponesa — deve ser compreendido como um ato contínuo de luta e resistência. Embora a industrialização, a exploração do trabalho humano e a submissão da ciência e da técnica aos valores do capital tenham enfraquecido os saberes e práticas tradicionais centrados na narrativa, povos originários e comunidades camponesas seguem encontrando formas de resistir ao desmoronamento de sua memória e tradição.

Torna-se, assim, necessário reabilitar as narrativas como forma de experiência e valorizar os meios pelos quais esses grupos resistem à lógica do progresso capitalista, recolocando a narrativa no centro do

processo cultural. A produção estética popular camponesa, como a literatura de cordel, apresenta-se como uma forma de documentar e perpetuar histórias, lutas e resistências dos povos do campo, cuja tradição permanece enraizada na cultura oral, ainda que atravessada por constantes abalos. Esse aspecto dos cordéis, em sua forma e conteúdo, será problematizado de maneira mais detalhada na segunda parte deste trabalho.

Diante dessas reflexões preliminares sobre a sociedade moderna capitalista, à luz dos conceitos de experiência e vivência, faz-se necessário aprofundar a relação entre narrativa e memória no fortalecimento das experiências transmissíveis. Walter Benjamin compreendeu a narrativa não apenas como um meio de comunicação de informações, mas como um espaço no qual múltiplas camadas da realidade entram em contato e se articulam. Ao narrar, não se transmite simplesmente um conteúdo, mas se compartilha uma forma de compreender e habitar o mundo, ancorada na experiência coletiva e na tradição.

A memória, nesse sentido, não preserva a experiência como algo fixo ou cristalizado; ao contrário, ela possibilita que diferentes experiências se interpenetrem, se atualizem e se transformem continuamente no processo de construção e reconfiguração do imaginário social. É justamente essa dimensão dinâmica da memória que confere à narrativa sua potência formativa, permitindo que experiências do passado adquiram novos sentidos no presente e orientem práticas futuras. A partir dessa perspectiva, torna-se possível avançar para a análise das formas concretas pelas quais a narrativa opera como mediação entre experiência, memória e cultura, o que conduz diretamente ao próximo tópico desta investigação.

2.2 NARRATIVA E MEMÓRIA EM WALTER BENJAMIN

Por meio dos conceitos de experiência e vivência apresentados anteriormente, a associação que Walter Benjamin estabeleceu entre experiência e tradição cultural ganha centralidade em sua reflexão filosófica, pois é por meio do hábito de contar histórias que se torna possível transmitir e atualizar saberes, culturas ancestrais e formas de vida reproduzidas no próprio ato de narrar. Na crise das experiências transmissíveis, resultado da sociedade moderna capitalista e do modo de trabalho por ela imposto, como já mencionado, observa-se a perda progressiva da capacidade de narrar e, com isso, o lançamento ao esquecimento de memórias coletivas, ancestralidades e tradições culturais. A experiência tende a reduzir-se a uma vivência subjetiva e mercantilizada, na qual os indivíduos vivem em silêncio ou são silenciados.

Contudo, como destacou o filósofo alemão, é precisamente na articulação entre narrativa e memória que se abre a possibilidade de reconexão com as tradições ancestrais, de afirmação da identidade cultural e de valorização da tradição oral. Assim, percebe-se que, por meio da narrativa,

[...] nos reconciliamos com o mundo em comum – com os objetos à nossa volta, à nossa condição histórica e aos nossos laços de pertencimento – e é por meio dela que nos constituímos

enquanto sujeitos políticos. É por meio da narrativa, enfim, que honramos e damos sentido à nossa existência vinculada a uns outros, mortos e vivos. A perda da experiência não é um diagnóstico nem fatalista nem nostálgico, acredito, mas sim uma condição contemporânea que nos faz viver a narrativa enquanto ruína e potência transformadora (Ferreira, 2019, p. 126).

A oralidade, nessa perspectiva, apresenta uma potência transformadora, pois, por meio do ato de narrar, cria-se um movimento de mobilização capaz de incentivar os indivíduos a reivindicar suas raízes, cultivar e valorizar sua descendência, sua cultura e sua identidade cultural. Quando uma história desperta atenção e fascínio — como os contos transmitidos pelos mais velhos — torna-se mais fácil a inserção dos sujeitos no interior de uma tradição cultural compartilhada. Desse modo, pensar em formas de reabilitar a narrativa possibilita dar visibilidade às vozes de sujeitos e grupos cujos saberes deixaram de ser legitimados, bem como reconhecer de maneira justa a sabedoria ancestral de tradições culturais que se mantêm na contracorrente do progresso do capital. A reabilitação da narrativa pode, assim, ser compreendida como uma potência efetivamente transformadora.

O ato de narrar ultrapassa os conselhos e provérbios transmitidos pelos mais velhos e sábios, uma vez que esse intercâmbio de experiências não apenas reafirma tradições e costumes, mas também possibilita a construção coletiva de novos conhecimentos e reflexões sobre os modos de vida. Reposicionar o debate sobre a narrativa, em uma sociedade capitalista que tende a esvaziar ou suprimir o ato de contar histórias, significa trazer para o campo social e político a voz dos grupos historicamente oprimidos. Nesse sentido, Walter Benjamin assinalou, em *Sobre o conceito de história*, a necessidade de repensar a história a partir da perspectiva dos “vencidos”. Na tese VIII desse ensaio, o filósofo alemão afirmou que “a tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade” (Benjamin, 1994, p. 226).

Seguindo essa linha de raciocínio, os modos de vida de culturas que ainda permanecem ancoradas na tradição oral — como os povos originários e as comunidades camponesas — evidenciam que a cultura ancestral pode assumir um caráter crítico e transgressor diante da lógica dominante do progresso capitalista. Nessas tradições, a narrativa opera como forma de resistência simbólica, pois conserva experiências, memórias e saberes que escapam aos critérios da historiografia oficial e da racionalidade instrumental moderna. É justamente nesse ponto que a reflexão benjaminiana sobre a história ganha densidade crítica, ao deslocar o olhar para as experiências silenciadas e para aqueles que foram historicamente excluídos dos relatos triunfalistas do progresso.

Contar história sempre foi arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o

dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (Benjamin, 1987, p. 205).

O exemplo apresentado pela filosofia benjaminiana, segundo o qual a memória é construída, metaforicamente, como o tecer manual de uma rede, mostra-se particularmente representativo para interpretar o mundo da vida em tensão com o modo de produção capitalista. Assim como o trabalho de produção da rede foi progressivamente industrializado, a vida social, ao se desprender desse acabamento artesanal, tornou-se mecanizada. Quando se permite o enfeitiçamento pelo canto da sereia do progresso, sem avaliar os riscos e os escombros deixados por essa narrativa, corre-se o risco de romper os laços com as próprias raízes, contribuindo, desse modo, para a diluição das tradições culturais e sociais. Daí a importância de insistir na valorização da figura do narrador, para que continuem a emergir muitos e bons contadores de histórias. Walter Benjamin apresentou, em seu texto *O narrador*, dois tipos distintos de narradores, tomando como base formas igualmente distintas de experienciar o mundo. Tais formas são personificadas nas figuras do marinheiro viajante e do camponês sedentário, como podemos confirmar no trecho abaixo.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. [...] A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. [...] Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias. [...] A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos. (Benjamin, 1987, p. 198-199).

O narrador possui a possibilidade de estar em constante movimento, tendo suas memórias continuamente remodeladas por meio das experiências vividas. Tal condição não depende exclusivamente do deslocamento geográfico: tanto aquele que percorre diferentes lugares, entrando em contato com múltiplas culturas e modos de vida, quanto aquele que permanece enraizado em sua comunidade desde o nascimento, podem acumular experiências significativas e transmissíveis. Essas duas formas de existência — o deslocamento e a permanência — configuram modos distintos, porém igualmente legítimos, de aquisição de sabedoria.

Essas perspectivas, ainda que diferentes, não se excluem. Ao contrário, ambas possibilitam a construção de saberes enraizados na experiência e na memória, capazes de serem compartilhados por meio do relato, da narração e da história de vida. É nesse sentido que o narrador, seja viajante ou sedentário, desempenha a função de mediador entre o vivido e o transmitido, entre a experiência individual e a sabedoria coletiva.

Os conhecimentos e saberes assim constituídos são transmitidos de geração em geração por meio do ato de contar histórias, da comunicação de lições morais e da partilha de experiências que afetam o ouvinte, ampliando sua reflexão sobre a vida. Nessas narrativas — fontes inesgotáveis de sabedoria ancestral — entrelaçam-se emoções, lembranças, transformações, lutas e resistências. Trata-se de uma forma de resistência simbólica que impede que a cultura e a tradição dos vencidos sejam completamente apagadas, mantendo-as em constante processo de rememoração.

Sejam indivíduos marcados pelo deslocamento contínuo ou pela permanência prolongada em um mesmo lugar, ambos dispõem de histórias a narrar e, por isso, podem ser considerados ricos em experiências transmissíveis. Contudo, na medida em que a cultura camponesa também sofre as transformações impostas pelo modo de vida da sociedade moderna capitalista, observa-se o enfraquecimento das práticas culturais centradas na narrativa. Esse processo está diretamente relacionado à desvalorização da figura do narrador, em consonância com os interesses e exigências da racionalidade capitalista contemporânea.

Diante desse cenário, torna-se fundamental articular um movimento de “resgate da memória”, orientado à valorização das tradições que ainda mantêm seus vínculos ancorados na cultura oral e na transmissão intergeracional da experiência. Tal resgate não deve ser compreendido como um retorno nostálgico ao passado, mas como um gesto crítico que reconhece, no presente, a potência formativa e política das narrativas tradicionais. Ao reabilitar a memória e a narrativa como formas legítimas de conhecimento, cria-se a possibilidade de interromper a lógica do esquecimento produzida pela sociedade moderna capitalista e de restituir visibilidade a saberes, experiências e modos de vida historicamente marginalizados pela ordem social atual.

Compreende-se com isso o porquê os fenômenos políticos passaram a ser reinterpretados a partir de uma perspectiva alinhada há uma espécie de “resgate da memória”, pois encontramos por parte do Estado, em contextos específicos, ações que manipulam e/ou aniquilam determinados eventos históricos que não deveriam ser silenciados do espaço público e, conseqüentemente, da memória coletiva do povo (Guimarães, 2019, p. 107).

Uma das noções conceituais desenvolvidas por Walter Benjamin, que pode contribuir para a reflexão acerca do sentido da experiência no âmbito das comunidades camponesas e do fortalecimento da tradição cultural, é a figura do narrador. Essa figura popular ganhou centralidade na análise benjaminiana pelo fato de o autor reconhecer que o narrador transmite e atualiza os conhecimentos populares por meio do ato de contar histórias, uma vez que a narrativa coloca os sujeitos em contato direto com a memória. Historicamente, essa figura esteve presente de modo recorrente nas classes populares e, de forma particular, nas comunidades camponesas brasileiras.

A partir dessa perspectiva, observa-se que a memória não pode ser compreendida como um simples repositório de fatos passados preservados no presente, mas como um modo de compreensão do próprio processo pelo qual os acontecimentos se tornam passado. Trata-se de entender como os eventos adquirem novos significados ao serem rememorados, distintos daqueles que possuíam no momento em que ocorreram. Nesse movimento, as experiências não permanecem idênticas a si mesmas, mas são ressignificadas, ganhando novos sentidos.

Desse modo, torna-se perceptível que, nas comunidades camponesas, os sujeitos tradicionalmente recorrem aos mais velhos quando necessitam mobilizar memórias do passado, reconhecendo neles uma autoridade fundada na experiência acumulada e na sabedoria transmitida ao longo do tempo. Essa autoridade não se apoia em títulos formais ou em saberes institucionalizados, mas na capacidade de narrar experiências vividas e de articulá-las de modo significativo para a comunidade. Importa destacar que a memória não se apresenta de forma homogênea ao longo da vida: a memória da juventude difere daquela elaborada na maturidade ou na velhice, não por distorção ou perda de fidelidade aos acontecimentos, mas porque a experiência, ao ser rememorada, é reinterpretada e ressignificada. Nesse processo, a memória atua como força mediadora entre passado e presente, transformando a experiência vivida em sabedoria transmissível e mantendo viva a tradição cultural por meio da narrativa.

Narrar é uma profunda redenção aos que não estão mais presentes, à tradição perdida, à ressignificação da tradição no presente. Narrar expressa, portanto, uma ontologia de ação ao ressignificar o *self* durante a fala e seu lugar no mundo das coisas. É um ato de ruptura à linearidade da História e é o resgate dos elementos miúdos, delicados, invisíveis, esquecidos. Portanto, narrar implica uma reconciliação do indivíduo com o mundo que compartilha – em uma experiência comum – com uma pluralidade. Narrar revela um sujeito, um “alguém” que até então, se um ouvinte, não existe politicamente. (Ferreira, 2019, p.131).

Para que as memórias do passado se desvelem com tamanha intensidade, faz-se necessário inclusive o esquecimento, pois não é possível lembrar adequadamente de algo sem que antes tenha ocorrido o esquecimento. Este, nesses termos, não deve ser compreendido como simples perda, mas como uma camada que enriquece a compreensão da experiência, ao possibilitar a reconstrução e a atualização das narrativas memoriais por meio das quais o mundo é interpretado. Lembrar, desse modo, guarda grande semelhança com esquecer, pois envolve desfazer o que a memória teceu para refazê-lo segundo um método distinto. Trata-se de um movimento que os mais velhos e sábios realizam com sutileza, de tal forma que, mesmo quando uma mesma história é narrada repetidamente, algo novo e transformador sempre emerge.

Não se trata, portanto, de retornar ao passado para descobrir o que “realmente aconteceu” por meio de uma narrativa coerente e linear, mas de compreender como um acontecimento se articula com

outros em uma delicada teia de semelhanças que lhe conferem significado. A memória e, por conseguinte, o ato de rememorar, constituem o elemento central da arte de narrar. Assim, trazer à tona as memórias por meio do ato de contar histórias não deve ser entendido como a simples descrição dos eventos vividos tal como ocorreram, mas como a produção de uma nova camada de sentido, extraída da relação entre passado e presente.

A resistência das classes populares, por meio de suas narrativas, possibilita que a cultura e a tradição dos vencidos não sejam completamente apagadas, ainda que a sociedade moderna capitalista busque silenciá-las. Walter Benjamin compreendeu os melhores contadores de histórias como aqueles que sempre possuem algo novo a narrar, seja a partir de novas experiências, seja pela reinterpretação de acontecimentos já vividos. Dessa forma, tais narradores tornam-se parte ativa do movimento histórico das sociedades, passadas e presentes.

Nesse aspecto, destaca-se a importância das expressões artísticas e culturais para a ressignificação da cultura camponesa, que constantemente busca meios de se manter viva mesmo em um contexto de desvalorização de suas narrativas no interior da sociedade capitalista. Nas expressões artísticas é possível reconhecer elementos centrais da identidade e do sistema de valores de um povo. A arte, de modo geral, desempenha um papel fundamental na preservação da cultura, da tradição e da história coletiva. É por essa razão que, a partir deste ponto, o trabalho volta-se à análise de uma produção estética da cultura nordestina que possui muito a narrar sobre os povos do campo: a literatura de cordel.

3. A ARTE EM CORDEL: UMA FONTE DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA CAMPESINA

A literatura de cordel possui um valor inestimável para a cultura nordestina — isso é inegável. Todavia, torna-se necessário compreender se, enquanto produção cultural, ela ainda preserva essa forma de sabedoria ancestral ancorada na cultura oral. Trata-se, portanto, de investigar se, por intermédio dos cordéis, e na contramão da lógica capitalista, encontram-se narrativas capazes de preservar a experiência (*Erfahrung*), nos moldes da filosofia benjaminiana.

Diante disso, torna-se relevante interrogar em que medida a literatura de cordel, enquanto expressão artística popular, ainda é capaz de operar como um espaço de preservação, transmissão e renovação de experiências enraizadas na cultura camponesa. Tal questão não implica, neste momento, uma afirmação conclusiva acerca de seu potencial crítico, mas aponta para a necessidade de examinar com maior atenção as condições históricas e culturais que permitem ao cordel conservar — ou não — formas narrativas vinculadas à oralidade, à memória coletiva e aos modos tradicionais de vida. É a partir dessa problematização preliminar que se torna possível situar o cordel no interior do debate filosófico sobre a crise da experiência na modernidade.

3.1. ORALIDADE E MEMÓRIA NOS CORDEIS

Em todas as culturas do mundo, a arte desenvolveu-se como expressão da vida cultural, constituindo-se como uma forma de elaboração simbólica por meio da qual pensamentos, sentimentos e ações são comunicados. Por intermédio do contato com as produções culturais de um grupo e/ou comunidade, torna-se possível acessar seus saberes e práticas sociais, bem como suas memórias coletivas, frequentemente marcadas por narrativas trágicas e/ou cômicas. Em outros termos, é nas produções culturais que se pode reconhecer a visão de mundo de um povo.

Em muitos casos, as produções artísticas podem ser compreendidas como verdadeiros “lugares de memória¹”, funcionando como uma espécie de vitrine capaz de conferir visibilidade cultural às comunidades, bem como como um palco social no qual são enunciadas as injustiças históricas sofridas por esses sujeitos. No âmbito da cultura popular — da arte do povo e da estética campesina —, especialmente daquelas manifestações que mantêm uma forte vinculação com a oralidade, insere-se o interesse em analisar a Literatura de Cordel.

É importante ter em vista que a literatura de cordel surge como um espaço artístico popular no qual as lutas e resistências das comunidades camponesas são narradas, mantendo viva, desse modo, a memória coletiva desses sujeitos. A principal característica dessa forma de expressão popular é a oralidade, em contraste com a literatura tradicional escrita. Os cordéis abordam temáticas diretamente relacionadas à realidade social, às injustiças, à religião, à política, entre outras dimensões constitutivas da cultura campesina nordestina.

O cordel é uma forma poética rica, complexa e viva, que exprime uma mentalidade, uma visão de mundo popular. Suas narrativas são histórias criadas mais para o ouvido do que para os olhos, ou seja, sua recepção pelo público pressupõe o canto, a recitação ou a leitura em voz alta, feita por alguém situado no meio de um círculo de ouvintes que acompanham atenta e coletivamente o desenrolar das aventuras. (Andrade, 2004 *apud* Silva, 2007).

¹ O termo foi criado pelo historiador Frances Pierre Nora. O conceito “permite articular as práticas, os agentes, os referenciais e os conteúdos da memória [...] analisa as aproximações e distanciamentos entre a memória coletiva e memória histórica. Para o autor, a memória emerge de um grupo social por ela unificado [...] A partir desse argumento, Nora constrói a noção de – lugares da memória – que, segundo o autor, servem para garantir a fixação de lembranças e de sua transmissão, e estão impregnados de simbolismos, pois caracterizam acontecimentos ou experiências vividas pelos grupos, ainda que muitos de seus membros não tenham participado diretamente de tais eventos”. (Oliveira, 2009, p. 12).

A literatura de cordel é mais do que o simples registro, em um pedaço de papel, de frases belas que rimam ou de contos ficcionais. Trata-se de uma arte popular que busca elucidar memórias e interpretar experiências coletivas. Gaudêncio e Borba (2010, p. 2) explicaram que “entende-se por literatura de cordel como sendo uma manifestação artístico-cultural da cultura popular que registra a história e a trajetória de um povo, assim como se caracteriza por uma ação poética que dá vida à sociedade”. Por meio de suas narrativas, frequentemente declamadas em voz alta e elaboradas a partir de uma linguagem popular, os cordelistas são capazes de expressar sua sabedoria e seu conhecimento sobre a própria cultura, demonstrando, em seus versos, a realidade social, o desfalecimento de práticas culturais e o silenciamento histórico de suas vozes. Cumpre destacar que, nos cordéis, não se encontra a expressão da vivência isolada de um indivíduo, mas relatos memorialísticos que remetem à experiência histórica de um povo que traz o aspecto tragicômico da vida.

A literatura de cordel procura instaurar e comunicar sentidos de equilíbrio, harmonia e beleza no interior da comunidade e no modo como esta se relaciona com o mundo, ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de compreender a dor, o sofrimento, a animação e a felicidade que atravessam a vida coletiva. Trata-se de uma importante expressão cultural que pode ser reconhecida como um repositório artístico das classes populares, expandindo-se para além de fronteiras culturais específicas. Ainda que os cordéis se apresentem sob a forma de textos escritos, é possível identificar com clareza os traços da cultura oral que os constituem, uma vez que a linguagem popular permanece como seu elemento central, permitindo que a história cultural ali inscrita seja preservada e transmitida ao longo do tempo.

O cordel “pressupõe o compartilhamento de saberes e experiências e o uso da cultura como instrumento de luta, de afirmação de identidades e de ocupação de espaços. Tanto quanto expressão estética, ela representa uma prática coletiva que envolve, de um lado, a relação entre memória e oralidade e, de outro, o diálogo entre passado e presente” (Nemer, 2010, p. 8). Nesse sentido, o cordel pode ser compreendido como uma forma de reabilitação da arte de narrar e das experiências do mundo, o que remete à necessidade de “[...] providenciar cuidados adequados à proteção e manutenção do acervo bibliográfico e documental de qualquer espécie, com vista a manter a sua forma original. Medidas coletivas e individuais tomadas no que respeita à reparação, restauro, proteção e manutenção [...]” (Faria; Pericão, 2008, p. 594).

Cada cordel pode ser entendido como um arquivo de atos miméticos. Sempre que se nomeia, traduz, lê ou se declama em voz alta para um grupo de ouvintes — uma vez que a construção estética do cordel não foi pensada para a fruição isolada, como ocorre com o romance, mas para uma experiência compartilhada —, a cultura é fortalecida e as narrativas ancestrais são literalmente perpetuadas. Trata-se, nesse aspecto, de uma forma de experiência autêntica, nos moldes benjaminianos.

Nessa perspectiva, o cordel possui a capacidade de criar vínculos entre os sujeitos e a sua própria cultura, uma vez que conserva, tanto na forma quanto no conteúdo, elementos centrais das experiências compartilhadas que servem de base para a elaboração de suas narrativas. É digno de nota que os cordelistas — que, nesses termos, também podem ser reconhecidos como narradores — não relatam suas histórias a partir de uma instrução formal oriunda dos livros produzidos pela ciência moderna, mas com base nas experiências que viveram ou ouviram, sejam daqueles que permaneceram em seu lugar de origem, sejam daqueles que percorreram diferentes territórios.

É por essa razão que se pode afirmar que “apesar de muitos cordelistas não terem instrução e não terem frequentado uma escola, eram artistas e, como tal, não desistiam de estudar as narrativas e as poesias, investigando, garimpando, dominando a arte do cordel” (Silva; Vieira, 2013, p. 6).

Prosear um cordel vai além do mero encantamento estético com versos rítmicos. Em muitos momentos, essas palavras rimadas possibilitam o contato com as memórias subterrâneas das classes subalternas ou, em uma abordagem filosófica benjaminiana, colocam o leitor e o ouvinte em contato direto com a narrativa e com a tradição dos “vencidos da história”. Como destacou Jares, o cordel busca enfatizar a realidade social desses sujeitos, bem como suas necessidades e desafios políticos, econômicos e sociais.

A tradição oral tem como principal característica o verbalismo, transmitidos de uma geração para outra, como um testemunho oral da memória coletiva de um povo. Essa expressão cultural é inerente a formação das identidades das culturas subalternas e, por isso, o suporte da resistência cultural desses povos. Pois, as sociedades trazem consigo representações coletivas com identidades próprias que são amplamente difundidas através dessa tradição. [...] essa expressão coletiva se perpetua no tempo e assume importante papel na resistência e na formação da identidade das culturas subalternas. (Jares, 2010, p. 07).

. A partir da experiência social das classes populares e de sua observação do mundo, os sujeitos transformam essas vivências em narrativas, constituindo uma linguagem oral de transformação social que é encorajada, nutrida e transmitida de geração em geração por meio de versos, rimas e poesias. Se, como aconselhou Walter Benjamin, torna-se necessário reinterpretar a história a partir de um comprometimento com os vencidos, então é preciso reconhecer os cordéis nordestinos como documentos memoriais dos camponeses e das camponesas, capazes de possibilitar a reflexão sobre o sentido das experiências campesinas por intermédio das histórias narradas por seus narradores e narradoras.

A literatura de cordel apresenta-se, metaforicamente, como uma nuvem carregada em meio ao sertão seco, anunciando a esperança de uma colheita mais farta. Em sua dimensão mais intrínseca, o cordel produz experiência cultural e memorial, ainda que se materialize em folhetos, papéis ou mesmo em suportes digitais. Essas narrativas foram concebidas para serem verbalizadas, de modo que esse processo favorece o compartilhamento de experiências de uma realidade social não individual, mas coletiva, reabilitando a noção de narrativa frente à vivência esvaziada de experiência característica da sociedade moderna. Se a sociedade capitalista tende a suplantiar a cultura oral sob a alegação de que transformações sociais e econômicas seriam necessárias ao progresso, as histórias em cordel parecem operar, a contrapele da historiografia burguesa e progressista, como um ato de resistência dos sujeitos do campo.

3.2 A HISTÓRIA A CONTRAPELO NOS CORDEIS: UMA ESPERANÇA AOS VENCIDOS

Diante do reconhecimento de que a literatura de cordel, produzida no âmbito da cultura popular nordestina, pode ser compreendida como uma forma de preservação da experiência coletiva de um grupo — tendo em vista que as narrativas presentes nessas histórias procuram conservar e difundir memórias coletivas, sejam elas reais ou ficcionais, frutos de uma tradição oral que ainda resiste entre comunidades e povos que cultivam modos de vida não inteiramente submetidos à lógica do progresso desenfreado do capitalismo —, pretende-se, como ato final desta reflexão, estabelecer uma análise-ensaio de uma literatura de cordel nordestina.

Se o modo de vida instituído pela sociedade moderna capitalista tem produzido, como se buscou explicitar ao longo deste trabalho, um apagamento das narrativas e das memórias coletivas de povos, grupos e/ou comunidades em nome de um suposto “progresso da humanidade”, cabe às reflexões filosóficas que problematizam a história a partir da ruína dos “vencidos”, e não do triunfo dos vencedores, pensar os múltiplos sentidos que podem ser extraídos da vida campesina a partir de suas experiências, produções culturais, relatos e narrativas próprias.

Pensar em um “resgate” dessas memórias silenciadas a partir das produções culturais campesinas, ou mesmo em um esforço de recordação que se conecte com as lutas e os lutos dos grupos historicamente oprimidos — entre os quais os camponeses ocupam lugar central, por serem diretamente afetados pelo discurso do “progresso” —, pode configurar-se como uma estratégia social relevante no exercício de valorização da cultura camponesa. É nesse sentido que Reyes Mate, em *Meia-noite na história*: comentários sobre as teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”, afirmou que:

A recordação tem por objeto resgatar do passado o direito à justiça ou, caso se prefira, reconhecer no passado dos vencidos uma injustiça ainda vigente, isto é,

ler os projetos frustrados de que está semeada a história, não como custos do progresso, mas como injustiças pendentes (Mate, 2011, p. 28).

Benjamin, em seu texto “*Sobre o conceito de história*”, deixou explícita sua crítica à ideia de progresso ao problematizar as classes que são relegadas à sombra dos processos de modernização. Segundo essa perspectiva, a chamada “evolução industrial” passou a substituir pessoas por máquinas e, simultaneamente, a robotizar sujeitos destinados às formas mais desumanizadas de trabalho. Nessas condições, a rotina marcada pelo labor de sol a sol faz com que as injustiças próprias do sistema capitalista se materializem de modo direto na vida das classes subalternas. Nessa direção, Bernardon destacou que “as atrocidades do modo de produção capitalista são percebidas cotidianamente na vida dos sujeitos, posto que se manifestam por meio da fome, do desemprego, das violências, do adoecimento físico e mental, decorrentes das extensas jornadas de trabalho, entre outras manifestações” (Bernardon et al., 2017, p. 2).

Trata-se de um capitalismo que assume múltiplas faces, a depender do contexto histórico e social em que se manifesta, e que procura, por meio de suas narrativas hegemônicas, ocultar as contradições que produz, o assujeitamento dos seres humanos e a destruição de tradições culturais que ainda resistem. No contexto das comunidades camponesas, esse modo específico de apresentação do chamado “progresso capitalista” recebeu a denominação de *agribusiness* ou agronegócio.

O discurso oficial do agronegócio emergiu com o objetivo de expandir suas fronteiras agrícolas sob a justificativa de promover elevados índices de desenvolvimento. Todavia, o que esse discurso do “progresso” silencia é que tal modelo de produção tem ocasionado a expulsão de camponeses de suas próprias terras, além de provocar graves prejuízos ambientais e o aumento de doenças no campo e entre a população em geral. Os efeitos desse processo são inúmeros e catastróficos, estendendo-se da captura do bem-estar e da saúde ao enfraquecimento da cultura campesina. Ainda assim, os destroços produzidos pelo avanço do capitalismo são frequentemente camuflados sob a aparência das inovações tecnológicas. Essas inovações, contudo, possuem um preço elevado: a apropriação das terras, a contaminação das águas e a retirada sistemática de direitos dos povos do campo.

O agronegócio foi introduzido no espaço rural de modo abrupto, sem que os camponeses tivessem condições efetivas de se defender dessa violência estrutural. Como consequência, muitos passaram a se submeter ao trabalho imposto por esse modelo produtivo, sendo compelidos a abdicar de seus modos de vida tradicionais para lutar pela própria sobrevivência. Trata-se de apenas uma entre as inúmeras contradições engendradas pelo sistema capitalista, cujos impactos econômicos, sociais e culturais recaem diretamente sobre os camponeses. Nesse sentido, Guimarães observou que “o modo de

vida produzido pelo sistema que se desenvolve a partir da exploração do trabalho humano vai diariamente esfacelando as experiências coletivas. A faculdade de intercambiar experiências vai atrofiando em razão das imagens de destruição que são capturadas traumáticamente pela percepção humana” (Guimarães, 2019, p. 116). Nessa mesma direção, Silva sublinhou que:

A ascensão da burguesia e de suas práticas capitalistas, tais como: o individualismo, a competição desenfreada, o acúmulo do capital, o fetiche do “atual”, etc., proporcionam a perda tanto da tradição como também da memória. Os indivíduos já não compartilham mais suas experiências, pois o processo de fragmentação é tão grande que eles próprios não se reconhecem na tradição. É inegável uma espécie de “abismo” estabelecido entre uma geração e outra que priva-os de intercambiar as experiências (SILVA 2014, p. 119).

Quando os sujeitos se veem desprovidos de recursos — sem acesso a alimentos, à água, à terra e aos meios básicos de subsistência —, torna-se necessário encontrar, no âmbito da cultura, mecanismos capazes de preservar e amplificar suas vozes. É por esse motivo que os oprimidos encontraram nas expressões artísticas populares, entre elas a literatura de cordel, “um processo de busca pela identidade, no qual, por meio de um ciclo de injustiças, foram elaboradas formas de representar a luta por justiça social, enfrentando os problemas sociais, econômicos e culturais que o capitalismo e o agronegócio introduziram no campo” (Jares, 2010, p. 10).

Um exemplo expressivo dessa forma de arte popular, que evidencia a realidade social de um povo e a trajetória de sua luta, é a literatura de cordel intitulada *A maldição dos agrotóxicos ou o que faz o agronegócio*, de Rogaciano Oliveira e Gigi Castro. Nesse cordel, observa-se uma espécie de resgate da memória dos sujeitos “subalternos”, na medida em que os versos rimados fazem ecoar o sofrimento dos povos camponeses que enfrentam esse abismo há mais de quinhentos anos, considerando que a luta camponesa remonta aos primórdios do processo de colonização.

Por meio da narrativa social presente nesse cordel, torna-se possível adquirir consciência histórica — uma vez que, como assinalou Benjamin, as boas narrativas são fontes de sabedoria — acerca dos processos de escravização, silenciamento e desvalorização da cultura camponesa, que contribuíram para a perda progressiva dos laços com a tradição. Os autores encontraram, no cordel, uma forma de narrar esse longo processo de luta dos camponeses que continuam sendo silenciados em nome do progresso. Assim, o cordel inicia destacando os males causados pelo agronegócio e afirma, em suas estrofes, que:

Nosso ambiente sofre
De enorme degradação
Faz mais de 500 anos

Desde a Colonização:
Das gentes aos ambientes,
Quem perde é nossa Nação.
[...]

E aí parece que o tempo
Muito mesmo não andou:
Mudou a forma do dono,
Mas não do trabalhador:
Desde escravo até colono
Ou pequeno agricultor.
[...]

É preciso então pensar
Nos perigos que isso encerra:
Tirar do povo o direito
À água, ao ar e à terra!
Alertar sobre a loucura
Que mata e que nos emperra
(Oliveira E Castro, 2011, p. 03)

A percepção é, talvez, o modelo mais elementar de uma experiência. É importante destacar, nesse ponto, que Benjamin explicitou as principais características do narrador e a fonte de interligação entre narração e experiência. Essa ligação possibilita uma forma de preservar experiências estéticas que coloca a narrativa no centro do processo de constituição dos valores culturais. Como afirmou o autor: “Ora, se a fonte onde o narrador busca as experiências humanas entra em decadência, a própria arte de narrar se vê em vias de extinção” (Silva, 2014, p. 128). Por meio de suas histórias, contos, versos e rimas, os camponeses preparam-se simbolicamente para enfrentar a barbárie capitalista.

A partir dessa percepção, dessa representação mediada pela arte, os povos do campo alargam seus anseios por mudança, buscando meios de recuperar sua subsistência fora da lógica desenfreada de exploração dos seres humanos e dos recursos naturais voltada à obtenção do lucro. As caminhadas e as lutas cotidianas são longas e, por isso, torna-se necessário encontrar estratégias para que suas vozes ecoem em alto e bom som, de modo que as injustiças históricas sejam denunciadas e reparadas. O cordel aqui ensaiado busca dar visibilidade aos povos da Chapada do Apodi e do Tabuleiro de Russas, que lutam pela vida na região do Baixo Jaguaribe, no Ceará, evidenciando que, a partir da organização e da resistência coletiva, mesmo em condições adversas, não se deve permanecer em silêncio. Assim, o cordel recita que:

Por isso que na Chapada
Chamada do Apodi
Zé Maria protestou
Contra essa agressão ali:
Pulverização aérea

Matando o povo dali.

Fez um movimento forte
Contra aquilo que chegou
Em Limoeiro do Norte
Foi uma voz que bradou
Defendendo o ambiente,
Empresas denunciou.
(Oliveira E Castro, 2011, p. 12)

Por meio das rimas, afirma-se que é a partir dos movimentos sociais e da ação coletiva que se torna possível ir além, evidenciando necessidades e reivindicando direitos a políticas públicas. O agronegócio, articulado ao poder do capitalismo, fragiliza essas comunidades, operando como uma estratégia consciente de produção do medo diante das vozes insurgentes que explicitam as contradições desse modo de vida imposto pela sociedade moderna capitalista. As histórias declamadas no cordel, sejam elas reais ou ficcionais, além de constituírem uma estratégia de preservação da cultura ancestral — constantemente ameaçada pela sobreposição das vivências imediatas sobre as experiências, como apontou Walter Benjamin —, podem também despertar a sensibilidade social diante das memórias compartilhadas.

Por meio dos versos, os autores trazem à tona as múltiplas formas de calamidade vivenciadas por essas comunidades. Tais produções, ao se conectarem com a sensibilidade dos indivíduos, podem contribuir para a mobilização coletiva em defesa da garantia de seus modos de vida. No caso dos camponeses, essas lutas dizem respeito ao direito de acesso à terra, à água e a uma forma de existência que não submeta os seres humanos e a natureza à lógica da exploração econômica, tal como ocorre no modelo do agronegócio. Os autores do cordel finalizam suas rimas destacando que:

Pressionar o agronegócio
Usar a legislação
Fazer valer os direitos
Da nossa população
Cobrar o que está escrito
Dos governos como dito
Pela Constituição.
Necessário pra esse intento
É a mobilização:
Venha fazer movimento!
Botar o mundo em ação!
Gente junta é o fermento
Pra mudar esse momento,
Construir outra nação!

(Oliveira E Castro, 2011, p. 18).

Para a construção de um mundo mais justo, os povos do campo não podem cessar suas lutas e questionamentos, devendo ter suas vozes ouvidas e suas narrativas legitimadas epistemologicamente. As possibilidades de ação são inúmeras. Trazer para o espaço público e político as histórias e memórias inscritas na literatura de cordel — este bem cultural nordestino e camponês — apresenta-se como uma alternativa potente e necessária. Afinal, ao tornar visíveis as memórias de luta e sofrimento de um povo, abre-se a possibilidade de reparar as injustiças históricas sofridas por grupos historicamente oprimidos ou, ao menos, de despertar a consciência coletiva para o reconhecimento da existência dessas indignidades.

Ainda que o cordel analisado se apresente sob a forma escrita e documentada, é fundamental destacar que ele circula e ganha vida sobretudo por meio da oralidade, sendo repercutido entre os povos da Chapada do Apodi e por camponeses que se reconhecem na realidade social ali narrada. Observa-se, nesse sentido, a potência e a relevância das histórias orais, uma vez que é por meio delas que o cordel adquire seu sentido mais pleno. A narrativa acerca dos impactos do agronegócio constitui uma experiência compartilhada por amplos segmentos do campesinato, e não apenas pelos sujeitos da Chapada do Apodi, abrindo caminhos para a reflexão coletiva sobre o sentido das experiências vividas na relação com o agronegócio.

Desse modo, é possível perceber a estreita relação entre o trabalho da memória e o filtro da narrativa, cuja finalidade ultrapassa em muito a mera escrita de um cordel. Por meio do ato de narrar — articulado às práticas culturais e aos movimentos sociais — constrói-se uma consciência coletiva que atravessa gerações, possibilitando o fortalecimento da cultura camponesa e da luta de classes.

A arte e as lutas sociais caminham conjuntamente na medida em que, por meio de suas narrativas, trazem à tona questões sociais, históricas e ambientais de forma ampla. Na literatura de cordel, encontra-se uma verdadeira epopeia da “história dos vencidos”, na qual se inscrevem as lutas, as alegrias e os lutos dos povos do campo. Dar continuidade a essas narrativas é, portanto, preservar e atualizar uma cultura ancestral de matriz oral que segue resistindo aos chamados “avanços” do progresso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo permitiram evidenciar como a sociedade moderna capitalista interfere de modo decisivo na faculdade de intercambiar experiências transmissíveis, em razão de um modo de vida estruturado pela competição permanente, pela fragmentação do tempo

social e pela instrumentalização das relações humanas. Nesse contexto, a experiência autêntica — compreendida, em chave benjaminiana, como o sentido da vida construído comunitariamente a partir dos vínculos com a tradição — vem sendo progressivamente substituída por vivências isoladas e descontínuas, produzindo um empobrecimento generalizado das experiências coletivas.

Esse empobrecimento, que Walter Benjamin identificou como uma nova forma de barbárie, manifesta-se no declínio da figura do narrador e na corrosão das formas tradicionais de transmissão da memória. Tal processo incide de maneira particularmente intensa sobre os povos do campo, cujas narrativas, saberes e práticas culturais são sistematicamente invisibilizados em nome de um discurso de progresso que legitima a expropriação da terra, a destruição ambiental e o enfraquecimento dos modos de vida camponeses.

É nesse horizonte crítico que este artigo procurou demonstrar que a literatura de cordel não pode ser compreendida como mero registro folclórico ou manifestação estética secundária, mas como uma forma de experiência estética e social capaz de preservar, transmitir e atualizar memórias coletivas. Ao articular narrativa, oralidade e tradição, o cordel reinscreve no presente experiências históricas dos povos do campo, operando como um espaço privilegiado de resistência simbólica e de elaboração crítica da realidade social.

A análise do cordel *A maldição dos agrotóxicos ou o que faz o agronegócio* evidenciou como essa forma de arte popular atua como um verdadeiro arquivo narrativo das lutas camponesas, permitindo que as experiências dos sujeitos historicamente oprimidos sejam narradas a partir de seus próprios referenciais. Trata-se de uma prática cultural que rompe com a lógica do tempo homogêneo e progressivo do capital, recolocando a memória dos vencidos como critério crítico para a compreensão da história.

Ao assumir a literatura de cordel como objeto de reflexão filosófica, a análise também produz impactos epistemológicos relevantes, ao tensionar hierarquias tradicionais que separam saberes eruditos e populares. Reconhecer o cordel como portador de experiência, memória e narrativa implica questionar os critérios hegemônicos de legitimação do conhecimento e ampliar o campo do pensamento crítico para incluir formas de saber historicamente marginalizadas pela racionalidade moderna.

No plano político, esse tipo de abordagem contribui para compreender a cultura como um campo de disputa. As narrativas camponesas deixam de ocupar um lugar residual e passam a operar como força crítica capaz de desvelar as contradições estruturais do capitalismo contemporâneo, especialmente no contexto do agronegócio. A memória coletiva, nesse sentido, não aparece como simples evocação do passado, mas como instrumento ativo de denúncia, resistência e reivindicação de justiça histórica. Do ponto de vista formativo, a análise aponta para a necessidade de práticas educativas e culturais que recolocam a narrativa, a oralidade e a experiência no centro dos processos de formação. Ao valorizar

expressões culturais populares como mediações fundamentais da aprendizagem crítica, o trabalho dialoga diretamente com o campo da educação e com a urgência de resistir à redução da formação humana ao treinamento técnico e à adaptação funcional ao mercado.

Dessa forma, sustenta-se que a literatura de cordel contribui para o resgate da figura do narrador no interior da cultura campesina, não como nostalgia de um passado idealizado, mas como possibilidade concreta de reativação da experiência em um mundo marcado por sua crise. Ao preservar a memória coletiva e a tradição oral, o cordel reafirma-se como um bem cultural fundamental para pensar a história a contrapelo do progresso capitalista e para fortalecer formas de vida que insistem em resistir à barbárie moderna, mantendo aberta a possibilidade de novos modos de narrar, lembrar e transformar o mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 83-90.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.

BENJAMIN, W. O narrador, considerações sobre a obra de nikolai leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: ROUANET, Sérgio Paulo (Org.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. Original alemão.

BERNARDON, Andressa; JACQUES, Luciana Gomes de Lima; ALORALDO, Vanelise de Paula. **Descartabilidade humana no capitalismo: repercussões para a intervenção profissional do Assistente Social**. 2017.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EdUsp, 2008.

FRANCO, Renato. **10 lições sobre walter benjamin**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

FREITAS, Tatiana Maria Gandelman de. *Erfahrung e erlebnis* em Walter Benjamin. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, número 33, janeiro-junho, p. 72-87. 2014.

FERREIRA, Mariana Caldas Pinto. Narração e subjetividade em Walter Benjamin. **Cadernos Walter Benjamin**, v. V.23, p. 119-133, 2019.

GAUDÊNCIO, Sale Mário; BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. **O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte**. Biblionline, João Pessoa, v. 6, n. 1, 2010.

GUIMARÃES, José Luís de Barros. Memória, esquecimento e política em Walter Benjamin: a reinterpretação da história a partir do comprometimento ético com os vencidos. **Kalagatos, revista de filosofia**. V.16, N.2. p. 104-128. 2019.

GUIMARÃES, José Luís de Barros; SOUSA FILHO, Joel Brito de. A construção da imagem do campesinato nordestino em Cabra marcado para morrer: Uma análise estético-política a partir da filosofia de Walter Benjamin. **Revista Cacto - Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. e26014, 2026. DOI: 10.31416/cacto.v6i1.1841. Disponível em: <https://revistas.ifsertaope.edu.br/index.php/cacto/article/view/1841>. Acesso em: 8 fev. 2026.

JARES, MARTHA. **Resistência e identidade cultural na literatura de cordel**. CELACC/ECA – USP. 2010.

LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luís Antônio. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. **Princípios: Revista de Filosofia**. Natal (RN), v. 20, n. 33 Janeiro/Junho de 2013, p. 449-484.

LOWY, Michel. **A revolução é o freio da emergência: ensaios sobre Walter Benjamin**. Tradução: Paolo Colosso – São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019.

MATE, Reyes. **Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin" sobre o conceito de história"**. Unisinos, 2011.

MATEUS, S. “A experiência e a vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação”. **E-Compós**, v. 17, n. 2, 23 dez. 2014.

NEMER, Sylvia. **Memórias do cordel**. XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro. 2010.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. Arte como lugar de memória. **Revista Travessias**, p. 01-26, 2009.

OLIVEIRA, Luizir de. Ética e estética, problemas de fronteiras: o diálogo entre filosofia e literatura. **Pensando – Revista de Filosofia** Vol. 5, Nº 9, 2014. ISSN 2178-843X.

OLIVEIRA, Rogaciano/ CASTRO, Gigi. **A maldição dos agrotóxicos ou o que faz o agronegócio**. Núcleo Tramas – Ceará. 2011.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Saber do tempo: tradição, experiência e narração em Walter Benjamin. **Educação & Realidade**, vol. 31, núm. 2, Julio-Diciembre, pp. 61-78. 2006

REBUÁ, Eduardo. Ensaio benjaminiano: a experiência como construção de sentidos. **Cadernos Walter Benjamin**, V.19. p. 22-41, July 2017.

SILVA, Isadora Eckardt da. Maria Graham, uma narradora à moda antiga. **Revista Travessias**, v. 2, n. 1 (2008).

SILVA, Jean Michel de Lima. Silêncio, miséria e barbárie: o declínio da experiência e o fim da arte de narrar na perspectiva benjaminiana. **Cadernos Walter Benjamin**. V. 12. p. 118-131. Setembro de 2014.

SILVA, João Melquíades Ferreira. **Feira de versos**. João Melquíades F. da Silva, Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, Luzinete Pereira da; VIEIRA, Miguel Heitor Braga. **O mundo imaginário do cordel**. Os Desafios Da Escola Pública Paranaense Na Perspectiva Do Professor PDE. V. 1. 2013.

SILVEIRA, DENISE. Arte política em Walter Benjamin e Asja Lacis . **Revista Cacto - Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online**, v. 2, n. 1, p. e22008, 2022. DOI: 10.31416/cacto.v2i1.381. Disponível em: <https://revistas.ifsertoape.edu.br/index.php/cacto/article/view/381>. Acesso em: 8 fev. 2026.



GUIMARÃES, José Luís de Barros; BARBOSA, Jaysa Nerys Fernandes Walter Benjamin e o sentido da experiência: a literatura de cordel na valorização da cultura camponesa. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.23, n.1, 2026, eK26017, p. 01-12.

Recebido: 01/2025

Aprovado: 02/2026